



## **Popularizando a Ciência no Meio Acadêmico – O Projeto Tereré Filosófico da UFMS<sup>1</sup>**

Greicy Mara França<sup>2</sup>

Professora do Departamento de Jornalismo da UFMS

Tarciso Sáldiva Silveira<sup>3</sup>

Jornalista da TV Centro América

### **RESUMO**

Este artigo tem por objetivo mostrar a iniciativa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul de popularização da Ciência no Meio Acadêmico através do Projeto Tereré Filosófico. O Tereré Filosófico começou informalmente entre acadêmicos e professores da Casa da Ciência do departamento de química. Em 2009 foi transformado em um projeto de extensão. O projeto visa criar um espaço de estímulo às carreiras científicas; promover a popularização da Ciência e Tecnologia e da Educação Ambiental para todas as pessoas independentemente da idade, além de buscar a redução de desigualdades por meio da inclusão social. Já foram realizados três tereré's filosóficos e é perceptível que o objetivo do projeto está sendo alcançado visto que a cada tereré o número de participantes tem aumentado e já extrapolou a esfera acadêmica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Popularização da Ciência; Projeto Tereré; Arte, ciência, Cultura, Jornalismo Científico.

Atualmente a ciência e a tecnologia permeiam a vida de todos e são alicerces para o desenvolvimento social de uma nação, sendo que o desenvolvimento científico e tecnológico só se concretiza com uma educação científica de qualidade seja nas escolas, nas universidades e instituições de pesquisa consolidadas, na integração da produção

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo

<sup>3</sup> Graduado em Jornalismo pela UFMS



científica e tecnológica com a produção industrial ou na formação de profissionais qualificados.

Para Junior (2005), a aplicação de conhecimento para geração de mais conhecimento, em que todos os dispositivos sociais estariam engajados na produção de capital cognitivo é característica da sociedade contemporânea.

É neste contexto, que a popularização da ciência se torna um importante campo de integração e desenvolvimento científico e social, pois contribui para que cada cidadão possa adquirir conhecimentos de ciências.

O impacto da popularização da ciência sobre o progresso social e o desenvolvimento de uma nação é determinado pelo nível de importância que desenvolvimento científico tem para a sociedade e pela compreensão pública da ciência, compreensão esta que deveria advir de uma educação científica recebida ao longo do processo educacional da população.

Como esse processo é falho, a única fonte que parte dessas pessoas tem para obter conhecimentos de ciências reside na capacidade de popularizarmos a ciência, tornando-a mais acessível.

O governo federal criou um programa nacional de popularização da ciência e o Ministério da Ciência e Tecnologia está mobilizando todas as forças disponíveis, na árdua tarefa de levar a ciência para o dia a dia de cada brasileiro, para que cada cidadão, cada contribuinte, entendendo a importância da pesquisa e da inovação na qualidade de sua vida, se transforme em seu defensor, através da ampliação de recursos para as atividades de divulgação científica. Apesar disso, a dita popularização de ciência é ainda muito tímida no país.

A universidade enquanto instituição de ensino e pesquisa tem por obrigação incorporar para si a missão de preservar e divulgar o conhecimento científico através de políticas capazes de mobilizar a sociedade pela melhoria da educação em ciência e pela cidadania.

É de conhecimento que educação é um processo contínuo de permanente superação e desdobramentos e que a prática reflexiva é decisiva para as mudanças e para o alcance de novos conceitos e modos de atuação no cotidiano e que esta prática relaciona-se com as finalidades éticas da vida humana.

Isso corresponde à indagação dos sentidos filosóficos e existenciais de cada ser humano dentre suas relações de produção social e convivência com seu entorno.



É nesta perspectiva que a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul vem trabalhando através do Projeto Tereré na busca do desenvolvimento da criatividade tanto na resolução de problemas como na vida pessoal e no campo profissional das pessoas.

### **Origem do Tereré**

O tereré (ou tererê) é uma bebida típica da região de Mato Grosso do Sul, de origem guarani, feita com a infusão da erva-mate. É consumida com água ou sucos gelados acrescido de hortelã, limão, entre outros.

Foi da invasão européia por castelhanos e portugueses que se originou o tereré. Este tipo de bebida começou a ser consumido pelas tribos guarani, nhandeva, kaiowá e outra etnias chaquenhas, muito antes da Guerra do Paraguai e da Guerra do Chaco (entre Paraguai e Bolívia, 1932-1935). Acredita-se que tereré já era ingerido pelos índios Guarani e que por volta do século XVII os jesuítas adquiriram este costume com eles.

Na época, os índios Guarani, tomavam tereré usando como bombilho (canudo para chupar a infusão) ossos de pássaros e finas taquaras (pois ainda não existiam as bombas de metal), também fumavam a folha bruta da erva-mate e usavam-na como rapé.

No Mato Grosso do Sul o tereré foi introduzido pelos paraguaios e índios guarani e kaiowá, quando estes passaram a pertencer ao país quando da nova definição da fronteira entre Brasil e Paraguai, anexando imensos ervais nativos ao estado do Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul.

O ciclo do tereré no Brasil iniciou-se na cidade de Ponta Porã, que faz fronteira com Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia, expandindo-se para outras cidades e estados. Eram paraguaios vitimados pela guerra e índios guarani e kaiowá no sistema de escravidão por dívidas a mão de obra utilizada nos ervais.

O recipiente usado para servir o tereré é a guampa que é fabricada com parte de um chifre de bovino, sendo que uma das extremidades é lacrada com madeira ou couro de boi, e o seu exterior revestido por verniz. Pode-se também usar copos de alumínio, vidro, plástico, ou canecas de louça.

Para filtrar a infusão do tereré, de modo que não se absorva o pó da erva triturada utiliza-se a bomba que normalmente são feitas de alumínio para que não seja



alterado o sabor da infusão. Pode-se ter tanto na bomba como na guampa adereços com figuras de símbolos da família, iniciais de nome ou pedras preciosas.

O tereré é tradicionalmente bebido numa roda, denominada roda de tereré, de grupos de amigos onde a guampa é passada de mão em mão e todos vão bebendo desta guampa enquanto conversam.

## O Projeto Tereré



Cartaz do primeiro Tereré filosófico

O projeto Tereré Filosófico começou informalmente entre acadêmicos e professores da Casa da Ciência. A Casa da Ciência é um projeto do departamento de química, do centro de Ciências Exatas e Tecnologia da UFMS (CCET), e tem por objetivo criar um espaço de estímulo às carreiras científicas; promover a popularização da Ciência e Tecnologia e da Educação Ambiental para todas as pessoas independentemente da idade, além de buscar a redução de desigualdades por meio da inclusão social.

Desta informalidade a acadêmica do curso de Física da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Mayara Barros construiu uma formatação e o transformou em um projeto de extensão.

O nome foi inspirado no projeto Café Filosófico realizado por outra universidade. A denominação de tereré para o projeto foi escolhida por ser o tereré uma bebida típica da região e por sua degustação passar a idéia de integração.



O projeto visa promover, por meio de atividade cultural, palestras sobre assuntos de relevância relacionados à ciência, tecnologia, educação ambiental, direitos humanos, arte e cultura.

Busca obter debates saudáveis relacionados às temáticas atuais e de expressão para a realidade do Estado do Mato Grosso do Sul e criar um ambiente que facilite a troca de experiências, conceitos e idéias, que resulte em rica e fértil discussão, permitindo o exercício pleno da cidadania, a concretização da democracia e a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

O Tereré filosófico começou, informalmente, suas atividades no segundo semestre de 2008 com alguns encontros para analisar o interesse do público. Foi perceptível a importância dessa atividade multidisciplinar dentro da universidade que propiciava aos acadêmicos um ambiente informativo de discussões, reflexões e interação da comunidade acadêmica o que levou a concretização, em 2009, do projeto na forma de extensão.

São parceiros no projeto Tereré a Casa da Ciência do CCET e o núcleo de Jornalismo científico (NJC) do departamento de Jornalismo (DJO) do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS), ambos os projetos financiados pelo Ministério de Ciência e Tecnologia. O Núcleo de Jornalismo Científico é um projeto que visa à elaboração de estratégias, associadas ao ensino e à pesquisa em jornalismo, capaz de dar visibilidade à C&T à luz da popularização do conhecimento produzido no Estado do MS através de um portal que abriga agência de notícias ([www.cienciaenoticia.com.br](http://www.cienciaenoticia.com.br)), cadastro de pesquisadores, biblioteca virtual e mecanismos que facilitem a interlocução entre cientistas e jornalistas, além de fomentar a formação de jornalistas especializados no tema.

O Projeto Tereré Filosófico é aberto à comunidade acadêmica, teve seu início no mês de abril de 2009 e acontece mensalmente, sempre na última quinta-feira do mês, na Concha da Universidade.

O projeto consiste na realização de palestras com temas sugeridos pelos professores convidados, podendo também haver sugestões do grupo.

Durante a atividade há um mediador, que faz o controle do tempo e direciona, quando preciso, às discussões. A formatação da palestra é definida pelo palestrante com a ressalva de que esta formatação tem que permitir a intervenção do público e/ou abrir para debate após a exposição do tema.



As palestras estão sendo tendo cobertura audiovisual e impressa do Núcleo de Jornalismo Científico que produzirão matérias do evento para o site do NJC e ao final do projeto determinarão juntamente com a equipe da Casa da Ciência, que formatação será dada a cobertura audiovisual realizada.

A primeira palestra foi realizada no dia no dia 30/04/09, com a participação do professor Paulo Robson de Souza, do Departamento de Biologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS) da UFMS na Concha Acústica com o tema Razão e sensibilidade: quando o conhecimento científico e a arte se unem. Ele usa a construção e desconstrução de poemas e músicas para trabalhar a educação ambiental.

Utilizou um de seus poemas de forma que o participante podia remontar o poema, mudando as linhas do mesmo, reconstruindo um novo poema.

Foto: Fernando da Mata



Tereré filosófico com o Professor Paulo Robson de Souza

Mostrou como a ciência poder ser trabalhada através da arte quer seja um poema, quer seja uma música. Buscou trabalhar o dilema de se mesclar a lógica e a emoção na dosagem certa na busca da união do conhecimento científico e da arte.

Para O Professor Paulo Robson, ser poeta e letrista são conseqüências do trabalho de professor.

Um das musicas trabalhadas foi o Samba da Piranha. Veja a letra.

Samba da Piranha (Acadêmicos Unidos do Rio)

Música: Marco Antonio Carstens Mendonça



Letra: Paulo Robson de Souza

Intérprete: Átilla Gomes

Arranjo: Adriano Praça

Eu não sou feroz assim.  
Eu só dou umas mordidinhas.  
Não me culpe se outros mil  
têm essa mania minha.  
Não sou tão feroz assim, viu?  
Eu só dou umas mordidinhas.  
E além disso, meu compadre,  
era a vaca mais fraquinha...

Eu não quero mais sofrer,  
não pretendo lamentar.  
Tenho que me abastecer,  
sem remorso me fartar.  
Chega de tanto blá-blá,  
de ter fama de vilão,  
porque tudo o que eu faço  
é comer o meu pirão.

Eu não sou feroz assim...

Essa tal ferocidade  
que dizem que eu devo ter,  
na verdade, é uma vontade  
coletiva de comer.  
São milhares de mordidas  
para a vaca se acabar  
– pouco importa essa má fama  
deixa o povo acreditar...  
(Diz aí meu povo!!!)  
Eu não sou feroz assim...



Para ele a educação ambiental deve buscar todas as possibilidades de expressão para promover a consciência ecológica.

Neste primeiro tereré filosófico tivemos a presença de acadêmicos de diversas áreas, o que nos proporcionou uma rica troca de conhecimentos.

O segundo Tereré Filosófico foi muito envolvente, abordando o tema "Darwin e o Racionalismo", com o Prof. Alfredo Roque Salvetti. Estava previsto para ser realizado no dia 28/05/09 mas, em função da tempestade que ocorreu na data, foi realizado no dia 04/05/09.

Fotos: Re Bastos



Tereré filosófico com o Professor Alfredo Roque Salvetti

Este assunto vem sendo amplamente pesquisado pelo professor Salvetti gerando um livro com este mesmo título que foi lançado no dia 03 de junho de 2009 no Anfiteatro do CCHS da UFMS.

O Professor abordou sobre a racionalidade considerada causa de divindade; sobre como a teoria da evolução coloca a racionalidade como fator de utilidade e como ela tem se mostrado um bom instrumento para fazer sobreviver um ser complexo, pouco sujeito a mutações favoráveis, bastante dependente na cadeia alimentar e extremamente exigente quanto às condições ambientais. Além disso, colocou em discussão a racionalidade que impõe a ação ou quando a ação delimita a racionalidade e coloca a precedência entre o lógico e o psicológico.



O interessante deste tereré é que num determinado momento, o tema da discussão mudou, deixando de ter alguma ligação com o tema da palestra, e mesmo assim os participantes permaneceram na roda de tereré discutindo. O envolvimento dos participantes na discussão com o professor Salvetti foi tão grande que o tempo do tereré se extrapolou em muito, é previsto acontecer das 17:30 as 19 horas e se prolongou até as 20 horas.

O último tereré filosófico do primeiro semestre foi programado para o dia 25 de junho de 2009, na sala de mestrado de física, tendo como convidado o Professor Horácio dos Santos Braga do departamento de Letras da UFMS que abordaria o tema Religiões: reveladas e não reveladas mas, or problemas pessoais o palestrante não pode comparecer.

Foto: Fernando da Mata



Terceiro Tereré Filosófico

Este “incidente” que mostrou que o projeto está conseguindo atingir seus objetivos. Mesmo com a ausência do palestrante o grupo, supervisionado pela coordenadora do projeto Mayara, iniciaram uma discussão sobre religião. No mesmo clima gostoso de uma roda de tereré os participantes foram aprofundando a discussão.

Dentro do tema religião foram abordados sub-temas como:



- existe algo além da matéria;
- princípio da integralidade → homem total(físico, emocional, espiritual);
- religião: corpo dogmático;
- espiritualidade é diferente de religião;
- uma religião fundamentalista segue ao pé da letra seu livro sagrado;
- explosão pentecostal: cada um com a sua verdade;
- o seu humano perdeu a identidade. Uma religião forte dá uma identidade (rótulo);
- trabalha com a culpa;
- devemos ter uma fé racional;
- com a religião, a pessoa muitas vezes esquece o próprio poder de ação e entrega tudo nas mãos de Deus;
- ciência segregada da religião acaba se tornando uma religião;
- Marx: “a religião é o ópio do povo”;
- trabalha com o castigo e recompensa;
- verdade religiosa (revelação) e verdade científica (entra no intelecto);
- “caos”: por causa da separação entre religião e ciência e
- ela tem a capacidade da “autocura” e “autodoença”.

Os participantes, que nos dois primeiros tereré's pertenciam exclusivamente a UFMS, extrapolaram a esfera da universidade. O terceiro tereré teve a participação de duas profissionais liberais, uma psicóloga e um terapeuta, que acharam a projeto inovador, segundo a aluna Súzan Benites do 3º ano do curso de jornalismo.

Percebemos que a cada tereré o número de participante vem aumentando. Começou na Concha Acústica e, por mudança do tempo foi deslocado para a sala do mestrado de física. Para o próximo semestre deverá ser estudado o local a ser realizado o tereré.

Além do problema de espaço, a sala do mestrado de física é pequena para comporta o atual número de participantes, estamos com problemas na cobertura áudio-visual do evento. A gravação na concha acústica não é viável em função do grande barulho externo. É necessário encontrar um local que abrigue todos os participantes e tenha boa acústica para a cobertura áudio-visual do projeto.



Iniciativas como o Projeto Tereré estimulam as universidades públicas, em especial a UFMS (seu corpo docente, discente e técnico administrativo) a se integrarem num grande esforço de divulgação científica de qualidade, buscando favorecer uma popularização da ciência mais efetiva e que atenda às necessidades de um cidadão atual.

## **REFERÊNCIAS**

JUNIOR, J. S. de V. **Da informação ao conhecimento: o jornalismo científico na contemporaneidade**. Dissertação ( Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.